



XENOFOBIA, AFROFOBIA E CRISE DE PERTENÇA NA ÁFRICA DO SUL PÓS-APARTHEID

12 junho 2026

Na África do Sul, a violência contra imigrantes africanos está a transformar-se num dos cenários mais persistentes de xenofobia contemporânea no continente. Os movimentos nativistas ocupam o espaço deixado por um Estado socialmente ausente, por uma burocracia migratória arbitrária e por uma linguagem pública vulnerável ao populismo.

Axenofobia e o racismo constituem formas históricas e contemporâneas de produção da diferença social, política e moral. Longe de representarem apenas resquícios arcaicos, estas práticas articulam-se frequentemente com Estados modernos, economias globalizadas, regimes de fronteira e formas de cidadania estratificada. No contexto do século XXI, marcado por desigualdades persistentes, mobilidade humana intensa e securitização das fronteiras, a figura do estrangeiro, em certas latitudes, começa a emergir como objeto de suspeição e alvo de exclusão.

A África do Sul oferece um caso revelador desta contradição. Renascida, em 1994, sob o signo de uma Constituição comprometida com a igualdade, a ordem pós-apartheid está a produzir um espaço social em que a violência contra migrantes africanos, refugiados e requerentes está a transformar-se num dos cenários mais persistentes de afrofobia contemporânea no continente (Landau, 2010; Ochonu, 2020).

Este artigo procura sustentar que a xenofobia sul-africana não pode ser explicada apenas como reação espontânea à imigração irregular ou à pobreza. Trata-se de uma formação social e política complexa, resultante da interseção entre o legado do *apartheid*, a persistência de desigualdades estruturais, a precarização material do pós-apartheid, o fracasso da governação, a criminalização pública da mobilidade e a instrumentalização populista do medo. Nesta dinâmica, o estrangeiro africano torna-se num concorrente económico, numa ameaça securitária e numa superfície de projeção das promessas incumpridas da democracia (Misago, 2017). O objetivo é tentar analisar a situação atual na África do Sul como expressão de problemas mais amplos relativos à

pertença, à cidadania e à violência atual. Para tal, examinam-se as genealogias da xenofobia sul-africana; a atuação de movimentos como a *Dudula Operation* (Bastien, 2023) e *March and March* (Haffajee, 2026); o papel de figuras públicas como Nhlanhla “Lux” Dlamini, Jacinta Ngobese-Zuma, Zandile Dabula, Thato Molosankwe e Julius Malema; o alerta das Nações Unidas de 2022; as respostas do Presidente Cyril Ramaphosa e do Congresso Nacional Africano (ANC, na sigla inglesa); e os impactos diplomáticos regionais desta deriva.

A transição democrática aboliu o quadro legal segregacionista, mas não dissolveu as formas sociais de suspeição que o sustentavam.

Conceitos, genealogias e linguagem política da exclusão

Uma primeira dificuldade analítica consiste em nomear corretamente o fenómeno. O termo “xenofobia” descreve a hostilidade perante o estrangeiro, mas, no caso sul-africano, muitos autores defendem que a palavra é insuficiente. A violência dirige-se de modo particularmente intenso a estrangeiros negros africanos, e não a expatriados europeus ou migrantes racialmente privilegiados. Daí a utilização crescente de noções como “afrofobia” ou “xenofobia como racismo” (Adejumo-Ayibiowu, 2023; Mututa, 2023; Pillay, 2024). Estes conceitos mostram que certos africanos negros são vistos como excedentários e ameaçadores, mesmo quando partilham com os cidadãos sul-africanos experiências históricas de colonização e exploração. A genealogia desta hostilidade exi-

ge uma leitura de longa duração. O *apartheid* instituiu uma engenharia de circulação, classificação e contenção territorial baseada na raça e na origem. A transição democrática aboliu o quadro legal segregacionista, mas não dissolveu as formas sociais de suspeição que o sustentavam. A cidadania democrática passou a coexistir com uma imaginação social atravessada por medos de invasão, discursos sobre escassez e expectativas não cumpridas de redistribuição (Landau, 2010). Neste sentido, a hostilidade anti-imigrante reflete uma crise mais vasta de pertença no pós-apartheid: quem tem direito à cidade, ao trabalho e ao futuro quando a materialidade da promessa constitucional permanece profundamente desigual?

Estruturas sociais da hostilidade anti-imigrante

Explicar a xenofobia sul-africana como mera reação espontânea à presença de imigrantes em situação irregular converte um fenómeno estrutural num reflexo emocional. A hostilidade emerge de uma combinação de fatores: legado do *apartheid*, desemprego estrutural, informalidade económica, desigualdade extrema, colapso de serviços públicos, corrupção local e descrédito da política representativa. A África do Sul mantém-se entre as sociedades mais desiguais do mundo. Em bairros periféricos (as *townships*), a disputa por habitação, emprego informal e saúde é sentida de forma imediata. O migrante torna-se visível não por ser a causa dos problemas, mas por se apresentar como figura tangível num cenário em que os responsáveis estruturais – elites políticas e incapacidade administrativa – permanecem mais difusos (Misago, 2017; Dratwa, 2024). As Nações Unidas assinalaram, em 2022, que esta xenofobia é racializada, afetando migrantes negros, refugiados e re-

querentes de asilo africanos (Achieme, Tidball-Binz, e Morales 2022). Cidadãos moçambicanos, zimbabueanos, nigerianos, ganeses, malawianos, congoleses, etíopes ou somalis foram repetidamente alvo de campanhas de intimidação, extorsão, ataques a estabelecimentos comerciais e bloqueios no acesso a serviços básicos (Amnistia Internacional, 2022; HRW, 2024). Esta suspeição social atua através da língua, sotaque, aparência e origem. A xenofobia, neste quadro, articula-se diretamente com o racismo e o tribalismo, dado que a maioria dos atos são praticados por zulus (Mabasa, 2023).

Vigilantismo, populismo e produção do inimigo interno

A Operação Dudula tornou-se, desde 2021, o símbolo mais visível da transição entre descontentamento social e vigilantismo organizado. Sob a aparência de iniciativa comunitária contra o crime e a imigração irregular, o movimento passou a promover marchas, rusgas informais, verificações de documentos e intimidação de comerciantes. O seu repertório desloca para a rua funções típicas do Estado, operando sem garantias legais e com uma gramática explícita de exclusão. Em territórios onde o Estado é

percebido como ausente, estes grupos oferecem uma encenação de ordem, mesmo quando produzem desordem constitucional (Landau e Misago, 2022; Mabasa, 2023). Nhlanhla “Lux” Dlamini tornou-se a figura mais mediática desta política performativa, articulando retórica nacionalista, masculinidade autoritária e visibilidade digital.

O movimento *March and March*, liderado por Jacinta Ngobese-Zuma, aprofundou esta dinâmica ao inscrevê-la numa narrativa de “recuperação nacional”. Em 2026, o grupo foi associado a protestos violentos envolvendo a presença de crianças estrangeiras em escolas e a práticas de policiamento extralegal da mobilidade de migrantes (Haffajee, 2026; Bornman, 2026). A articulação entre o *March and March*, setores partidários radicais e remanescentes da Operação Dudula evidencia a formação de um ecossistema de exclusão, no qual ativistas e influenciadores convergem na ideia de que a cidadania deve ser defendida contra corpos intrusos. Julius Malema ocupa um lugar distinto neste campo. A sua intervenção pública centra-se menos na expulsão de migrantes e mais na crítica racial ao legado do colonialismo, à propriedade branca e à desigualdade, alimentando a hostilida-

de antibranca e agravando a polarização identitária. A sua esfera pública passa a organizar-se em torno da identificação de inimigos assentes em estereótipos (o branco privilegiado, o estrangeiro africano, a elite corrupta), o que fragiliza o espaço deliberativo e aumenta a permissividade social perante a exclusão (Ochonu, 2020).

O Estado sul-africano entre a condenação moral e a ambiguidade prática

Em julho de 2022, peritos das Nações Unidas condenaram a escalada da violência xenófoba e da discriminação racial na África do Sul, alertando para o risco de um novo ciclo de violência generalizada. Ao apontarem a Operação Dudula como exemplo de mobilização violenta e ao criticarem o discurso anti-imigrante vindo de setores políticos, os peritos da ONU deslocaram a discussão do plano moral para o plano institucional (Achieme, Tidball-Binz, e Morales, 2022). O problema passou a ser lido como uma falha de governação democrática: a incapacidade do Estado para proteger grupos vulneráveis, punir investigadores e evitar que o léxico da segurança fosse capturado por narrativas de exclusão étnica e nacional (HRW, 2024). A resposta do presidente Cyril Ramaphosa e do ANC tem sido marcada por uma oscilação entre a condenação retórica do vigilantismo e a reprodução de uma linguagem securitária sobre imigração irregular. Ramaphosa apelou ao respeito pelo Estado de direito, mas a ação governativa não mostrou coerência para desarticular o ambiente político que alimenta a xenofobia (Short, 2026). Parte do problema reside nas fragilidades do próprio ANC: desgaste organizacional, perda de hegemonia eleitoral, crises internas e dificuldade em oferecer melhorias materiais às classes populares. Nessas condições, o partido tende a gerir a pressão de modo reativo, oscilando entre o universalismo constitucional e a tentação de adotar o discurso do “*South Africans first*” (Cocks, 2024; Dratwa, 2024).

O problema agrava-se porque a impunidade produz pedagogia política. Quando movimentos nativistas conseguem intimidar imigrantes, impedir o acesso a serviços ou organizar marchas de expulsão sem consequências judiciais

CAIXA 1.

Nhlanhla “Lux” Dlamini (ou Nhlanhla Lux Mohlauli)

Foi o principal líder e o rosto público da Operação Dudula, movimento que ganhou enorme força a partir de 2021/2022. Ficou conhecido pelo seu estilo jovem, carismático e militarista, liderando marchas e ações diretas de expulsão de imigrantes e fecho de comércio informais nas *townships* (especialmente em Soweto), justificando as suas ações com o combate à criminalidade e à falta de emprego. Dlamini foi substituído por Zandile Dabula, em 2022, o qual mostra uma posição ainda mais radical.

É uma liderança radical e nacionalista mais recente, que ganhou grande projeção pública no início de 2026. É a figura central por trás do movimento *March and March*, focado em protestos agressivos dirigidos ao sistema de ensino público e à restrição da mobilidade de estrangeiros. Utiliza uma retórica populista e xenófoba muito dura, sendo apontada como uma das principais vozes da nova vaga de para-policiamento e exclusão nas ruas sul-africanas.

Thato Molosankwe

É um ativista e líder comunitário proeminente no ecossistema de protestos da província de Gauteng (Joanesburgo/Pretória). Ao longo dos últimos anos, ganhou notoriedade como um dos organizadores de base dos movimentos de moradores e comités de crise nas *townships*. A sua atuação oscila entre a defesa legítima por serviços públicos essenciais (água e eletricidade) e a convergência pontual com plataformas de mobilização popular que culpam a densidade populacional imigrante pela rutura das infraestruturas locais.

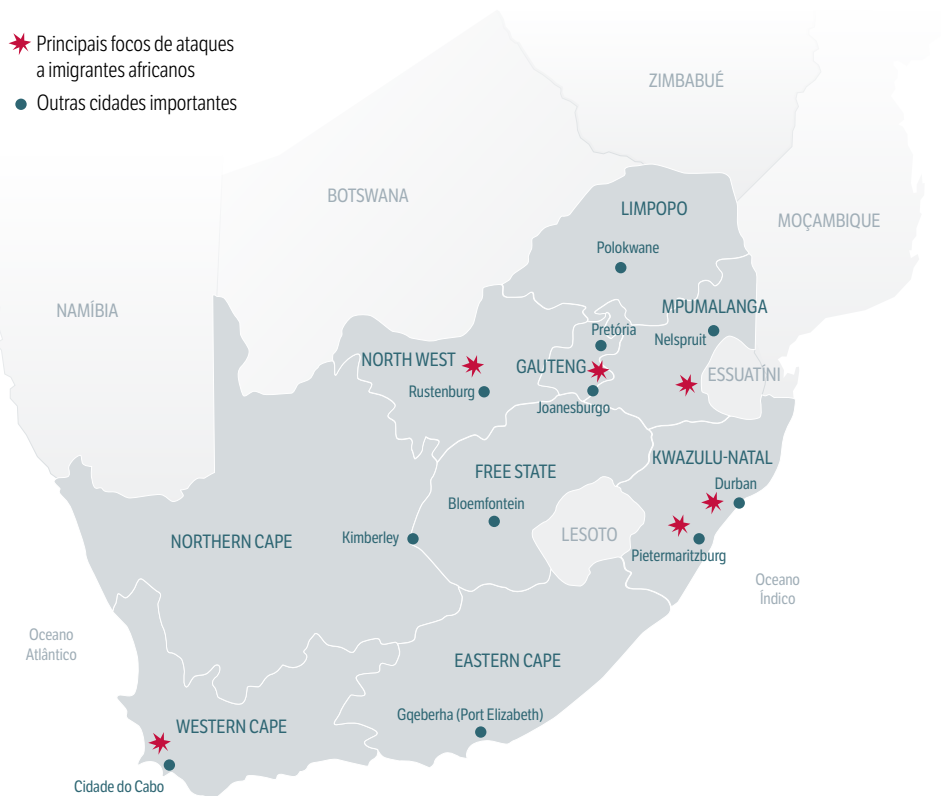
Julius Malema

É o líder histórico e fundador dos EFF (*Economic Freedom Fighters*), o terceiro maior partido político da África do Sul. Ao contrário dos movimentos nativistas, Malema defende uma ideologia pan-africanista radical. Opõe-se publicamente à xenofobia, argumentando que as fronteiras africanas são uma imposição colonial e que os imigrantes africanos não devem ser bodes expiatórios para as falhas do governo do ANC. A sua retórica é populista e focada na expropriação de terras e na nacionalização da economia.

FIGURA 1. PRINCIPAIS LOCALIDADES NA ÁFRICA DO SUL ONDE OCORREM INCIDENTES XENÓFOBOS CONTRA IMIGRANTES AFRICANOS

Fonte: Elaborado pelo autor.

- ★ Principais focos de ataques a imigrantes africanos
- Outras cidades importantes



Resumo dos principais focos e características

Joanesburgo (Gauteng)
Ataques em Alexandra, Diepsloot, Yeoville, Hillbrow, Joubert Park.

Pretória (Gauteng)
Áreas como Atteridgeville e Marabastad registam frequentes incidentes.

Durban (KwaZulu-Natal)
CBD, Phoenix, Chatsworth, Umlazi e locais informais.

Pietermaritzburg (KwaZulu-Natal)
Imbali, Edendale, Allandale.

Nelspruit (Mpumalanga)
Matola, Kanyamazane e outras áreas periurbanas.

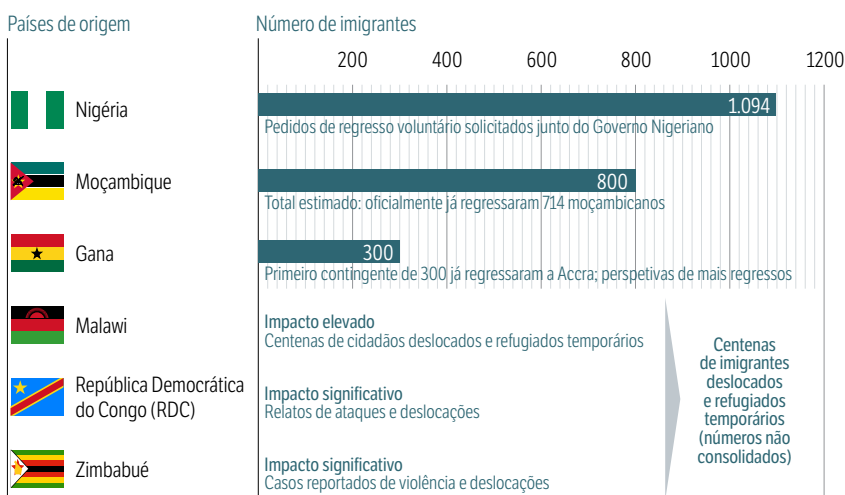
Rustenburg (North West)
Zonas mineiras com elevada presença de imigrantes.

Cidade do Cabo (Western Cape)
CBD, Nyanga, Khayelitsha e Mitchells Plain.

FIGURA 2. PAÍSES CUJOS CIDADÃOS FORAM REPATRIADOS OU SOLICITARAM REGRESSO DEVIDO À VAGA XENÓFOBA NA ÁFRICA DO SUL

Fontes: Reuters, 13.05.2026; Jornal de Angola, 08.06.2026; Eboh, C. (2026); Nhantumbo, L. (2026).

2a. Núcleo de imigrantes repatriados ou em processo de repatriamento



2b. Países mais afetados pela xenofobia na África do Sul



rápidas, a mensagem transmitida à sociedade é a de que tais práticas são negociáveis. Esta ambiguidade institucional favorece a normalização do vigilantismo como modo de governo informal. A questão já não é apenas saber se o Estado combate a xenofobia, mas se permite que ela funcione como tecnologia social de gestão da escassez,

desviando a raiva popular das elites fáhadas para os sujeitos mais vulneráveis (Misago, 2016; Landau e Misago, 2023).

Impactos regionais, diplomacia e risco de difusão continental

As consequências da xenofobia sul-africana ultrapassam o espaço interno do Estado. Países como Moçambique,

Zimbabué, Malawi, Nigéria e Gana acompanham com preocupação os episódios de violência dirigidos aos seus nacionais. Cada ataque enfraquece o capital diplomático de Pretória, cuja política externa procurou projetar a imagem de potência moral herdeira de Nelson Mandela e comprometida com o pan-africanismo.

A discrepância entre o discurso diplomático e a prática social afeta o comércio transfronteiriço, a confiança política e a legitimidade regional da África do Sul, gerando ressentimento popular nos países de origem (Ochonu, 2020; AFP & Reuters, 2026).

Existe, além disso, um risco de difusão regional. Em múltiplos contextos africanos, combinam-se atualmente fatores semelhantes: estagnação económica, desemprego juvenil, urbanização acelerada e competição por recursos escassos. Se a experiência sul-africana se consolidar como modelo eficaz de mobilização populista, outros atores poderão importar a fórmula de responsabilizar migrantes ou minorias pelos fracassos da governação. Nos países da África Austral, onde as migrações laborais e comerciais são historicamente intensas, tal cenário poderia traduzir-se em retaliações, endurecimento de fronteiras e erosão dos compromissos integracionistas da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC, na sigla inglesa). O continente correria o risco de ver reemergir um nacionalismo defensivo intra-africano, em contradição com os ideais pan-africanistas do século XX (Ochonu, 2020).

Conclusão

A situação atual da África do Sul demonstra que a xenofobia e o racismo contemporâneos não são resíduos irracionais exteriores à democracia, mas fenómenos produzidos e administrados no interior de ordens constitucionais formalmente inclusivas. No caso sul-africano, a promessa de 1994 convive com uma economia política da frustração, uma crise de pertença e um défice de redistribuição material. O estrangeiro africano pobre converteu-se no recipiente das ansiedades produzidas por essa combinação (Landau, 2010; Misago, 2017).

A Operação Dudula, o movimento *March and March* e outros atores nativistas prosperam porque ocupam o espaço deixado por um Estado socialmente ausente, por uma burocracia migratória arbitrária e por uma linguagem pública vulnerável ao populismo. Ao mesmo tempo, a polémica em torno de Julius Malema mostra que a polarização identitária pode assumir várias direções, cruzando-se com reivindicações legítimas de justiça histórica, mas contribuindo para a normalização de antagonismos.

A resposta de Cyril Ramaphosa e do ANC tem sido insuficiente porque não enfrenta a questão na sua densidade. Não basta condenar moralmente a violência ou deportar vítimas da xenofobia (Nhantumbo, 2026); é necessário desmontar os dispositivos materiais, discursivos e institucionais que a tornam plausível. Isso implica reformar a administração migratória, proteger efetivamente as vítimas, punir os incitadores, fortalecer a presença do Estado nos territórios populares e reconstituir um horizonte pan-africano credível. Caso contrário, a África do Sul arrisca funcionar como laboratório negativo de uma política africana da exclusão, na qual a cidadania se constrói contra o outro, e não com o outro (Ochonu, 2020; HRW, 2024). Quando a igualdade constitucional não é acompanhada por justiça

<https://doi.org/10.26619/2183-4822.2026.CJ.7>

Referências

- Achieme, E.T.; Tidball-Binz, Morris; Morales, Felipe G. (2022). South Africa: UN Experts Condemn Xenophobic Violence and Racial Discrimination against Foreign Nationals. *Office of the United Nations High Commissioner for Human Rights*, 15.07.2022. <https://www.ohchr.org/en/press-releases/2022/07/south-africa-un-experts-condemn-xenophobic-violence-and-racial>
- Adejumo-Ayibowu, O. D. (2023). The ultimate other versus the inferior other: an Afrocentric analysis of ethnic stereotyping and Afrophobia. *African Identities*, 23(1), pp. 160-175. DOI: <https://doi.org/10.1080/14725843.2023.2250082>
- AFP & Reuters (2026). Ghana Welcomes First Group Fleeing South African Anti-Immigration Protests, *Al Jazeera*, 27.05.2026. <https://www.aljazeera.com/news/2026/5/27/ghana-welcomes-first-group-escaping-south-african-anti-immigrant-protests>
- Amnistia Internacional (2022). Afrique du Sud. Les migrants vivent dans la «peur constante» après des attaques meurtrières. 13.04.2022. <https://www.amnesty.org/fr/latest/news/2022/04/south-africa-migrants-living-in-constant-fear-after-deadly-attacks/>
- Cocks, T. (2024). Mandela's Vision of Black Unity Fades as South Africa Rejects Migrants. *Reuters Special Report*, 23.05.2024. <https://www.reuters.com/investigates/special-report/safrica-election-fire/>
- Dratwa, B. (2023). Digital xenophobia is on the rise in South Africa. *London School of Economics, Blog*, 07.03.2023; <https://blogs.lse.ac.uk/africaatlse/2023/03/07/digital-xenophobia-is-on-the-rise-in-south-africa/>
- Dratwa, B. (2024). Xenophobia: A Pervasive Crisis in Post-Apartheid South Africa. *Georgetown Journal of International Affairs*, 26.05.2024. <https://gjia.georgetown.edu/human-rights-development/xenophobia-a-pervasive-crisis-in-post-apartheid-south-africa/>
- Eboh, C. (2026). More than 1,000 Nigerians seek return from South Africa after attacks, Nigeria says. *Reuters*, 05.06.2026. <https://www.reuters.com/world/africa/more-than-1000-nigerians-seek-return-south-africa-after-attacks-nigeria-says-2026-06-05/>
- Haffajee, F. (2026). Hate on Parade: Xenophobic Marches Gather Pace as UN Warns South Africa. *Daily Maverick*, 29.04.2026. <https://www.dailymaverick.co.za/article/2026-04-29-hate-on-parade-xenophobic-marches-gather-pace-as-un-warns-south-africa/>
- HRW (2024). South Africa: Toxic Rhetoric Endangers Migrants. *Human Rights Watch*, 06.05.2024. <https://www.hrw.org/news/2024/05/06/south-africa-toxic-rhetoric-endangers-migrants>
- Jornal de Angola (2026). Moçambique repatria mais 169 cidadãos da África do Sul. *Jornal de Angola*, 08.06.2026. <https://www.jornaldeangola.ao/noticias/10/mundo/677971/mo%C3%A7ambique-repatria-mais-169-cidad%C3%A3os-da-C3%A1frica-do-sul>
- Landau, L. B. (2010). Loving the alien? Citizenship, law, and the future in South Africa's demonic society. *African Affairs*, Vol.109, Issue 435, April 2010, pp. 213-230. DOI: <https://doi.org/10.1093/afraf/daq002>
- Landau, L. B.; Misago, J. P. (2022). Rising Vigilantism: South Africa Is Reaping the Fruits of Misrule. *The Conversation*, 02.04.2022. <https://theconversation.com/rising-vigilantism-south-africa-is-reaping-the-fruits-of-misrule-179891>
- Mabasa, N. (2023). South Africa's Operation Dudula Vigilantes Usher in New Wave of Xenophobia. *Al Jazeera*, 26.09.2023. <https://www.aljazeera.com/features/2023/9/26/south-africas-operation-dudula-vigilantes-usher-in-new-wave-of-xenophobia>
- Misago, J. P. (2016). Responding to Xenophobic Violence in Post-Apartheid South Africa: Barking Up the Wrong Tree?. *African Human Mobility Review*, vol.2 n.2 Cape Town. May-Aug. 2016. https://scielo.org.za/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2410-79722016000200001
- Misago, J. P. (2017). Politics by Other Means? Xenophobic Violence, Local Governance and Political Culture in South Africa. *The Black Scholar* 47, n.2 (2017), pp. 40-53. DOI: <https://doi.org/10.1080/00064246.2017.1295352>
- Mututa, A. (2023). Theorizing Afrophobia Beyond Apartheid: Conflict Cultures in Neill Blomkamp's District 9. *Critical Arts*, 37(3), pp.17-31. <https://doi.org/10.1080/02560046.2023.2268196>
- Nhantumbo, L. (2026). África do Sul deporta cerca de 600 moçambicanos vítimas de xenofobia. *Observador*, 01.06.2026. <https://observador.pt/2026/06/01/africa-do-sul-deporta-cerca-de-600-mocambicanos-vitimas-de-xenofobia/>
- Ochonu, M. E. (2020). South African Afrophobia in local and continental contexts. *The Journal of Modern African Studies*, Vol. 58, Issue 4, Dec. 2020, pp. 499-519. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0022278X20000543>
- Pillay, S.R. (2024). Afrophobic hypernationalism: Unpacking the anti-black logic of #PutSouthAfricansFirst. *Annual Review of Critical Psychology* 18 (2024), pp. 817-838. https://www.researchgate.net/publication/385879827_Afrophobic_hypernationalism_Unpacking_the_anti-black_logic_of_PutSouthAfricansFirst
- Reuters (2026). Ghana to evacuate 300 citizens from South Africa after xenophobic attacks. *Reuters*, 13.05.2026. <https://www.reuters.com/world/africa/ghana-evacuate-300-citizens-south-africa-after-xenophobic-attacks-2026-05-13/>
- Savage, R. (2026). Extreme fear among immigrants as backlash sweeps South Africa. *The Guardian*, 08.06.2026; <https://www.theguardian.com/world/2026/jun/08/extreme-fear-among-immigrants-as-backlash-sweeps-south-africa>
- Short, K. (2026). África do Sul: Resposta à xenofobia alvo de críticas. *DW online*, 23.05.2026. <https://www.dw.com/pt-002/%C3%A1frica-do-sul-resposta-%C3%A0-xenofobia-alvo-de-cr%C3%ADticas/a-77274321>